

IDENTIDADE E ALTERIDADE DOS CORNOS NOS AFORISMOS

Eronides Câmara de Araújo
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
ero@oi.com.br

Pois começo a descrição
Falando no **Carrapeta**
Este corno, meus amigos,
Tem o espírito do capeta
Presenciando o Negão
Arrudeia o casarão
Numa mancha em pirueta
Também falo no **sabugo**
Um corno meio engraçado
E é metido a boêmio
E muito bem educado
A mulher é uma rosa
Uma princesa garbosa
È só mio desbuiado ¹

1 INTRODUÇÃO

Falar ou escrever sobre um tema em aforismo é colocá-lo em uma sentença breve. Segundo o dicionário de Aurélio a palavra é de origem grega (aphorismós) e do latim (aphorismu). Seu significado tem parentesco com os provérbios, com os ditados populares e quase sempre vem com um tempero de humor. Os aforismos podem ser encontrados, entre vários lugares, como em pára-choque de caminhões, por exemplo: “se o mundo fosse bom, o dono morava nele”, “não me siga que estou perdido”, “pra que beijar no rosto, se a boca está tão perto?”

Os aforismos também são utilizados para traduzir as representações sobre o mundo através da literatura de cordel. Neste texto, discuto os aforismos para problematizar as astúcias do masculino para desqualificar o masculino quando corneado.

Quando se trata do homem corneado, os aforismos estão sempre associados à desqualificação, a inversão do ideal de masculinidade. Este ideal está associado culturalmente ao homem viril, forte, corajoso, másculo. Ser masculino tem uma trajetória de múltiplas atribuições de papéis sociais e sexuais que indicam ‘ser o homem’ o provedor e dominador, ser firme e decidido, respeitado, ‘ser quente’ para

apresentar virilidade, inteligente e racional para indicar sua racionalidade em oposição à emoção, entre tantos outros atributos, são representações construídas por muitos dispositivos, entre eles, o discurso médico.

Este conjunto de atribuições contribuiu para que a masculinidade fosse representada como múltipla, mas por muito tempo foi considerada como hegemônica. Essas atribuições contribuíram, principalmente, para demarcar fronteiras entre gêneros, e entre intragêneros, como por exemplo, adverte SOUZA (2009, p.5) sobre as relações no interior da economia masculinista: “[...] os heterossexuais se adéquam ao modelo dominante e os homossexuais fazem parte do modelo de subordinação”.²

Discutir os aforismos sobre o homem corneado é problematizar as subjetividades que são produzidas sobre a infidelidade feminina, mas também é analisar a desqualificação do masculino quando ignora ou justifica a traição. Nos aforismos o masculino corneado é associado ou aos animais, aos insetos, ou ao homem frágil, fraco e manso, estas últimas características foram construídas historicamente para o gênero feminino. A mulher, como frágil, propensa as atividades leves, que não envolve o esforço intelectual, foi construída pelas teses de médicos no século XIX, que reforçaram a diferença entre o masculino e o feminino, a partir das diferenças entre os sexos³. Neste texto problematizo os aforismos para pensar os deslocamentos de qualificação e desqualificação da masculinidade, como exercício do processo de significação das palavras sobre os sujeitos e o seu sistema identitário.

Os aforismos analisados são encontrados nas associações de cornos⁴, nas páginas da internet⁵ e em folhetos de cordel⁶. Os aforismos, constituem parte da minha pesquisa de doutorado, e estão sendo analisados na tese a partir dos valores de honra como constituinte de uma economia masculinista.

2 IDENTIDADE E ALTERIDADE DA RELAÇÃO INTRAGÊNEROS: A DESQUALIFICAÇÃO DO HOMEM CORNEADO

O perfil dos aforismos, sobre o masculino corneado, indica a relação de alteridade no interior da economia masculinista e tem como propósito a construção da identidade do Outro como desacreditado, desonroso e desprestigiado configurando a identidade como relacional. Nesta experiência em particular, além de ser uma relação de

alteridade é uma tentativa de salvaguardar a identidade masculina e os códigos morais que asseguram sua manutenção como foi inventada.

A identidade é um conceito que na pós-modernidade ou modernidade tardia⁷ tem sido utilizado na academia para problematizar a fragmentação do sujeito, criticando o universalismo do conceito de classe e também o essencialismo com que alguns teóricos tratavam a política de identificação.

A masculinidade é [...] derivada do “termo *masculus* e começou a ser utilizada apenas em meados do século XVIII no momento em que se realizava uma série de esforços científicos no intuito de estabelecer critérios de diferenciação entre sexos”. (OLIVEIRA, 2004, p.13). Ser masculino ostentou-se na assimetria de gênero e passou a ser reconhecido não só como hierarquicamente superior à mulher, mas com aparatos morais, sociais e legais que ampararam seu lugar social como dominante.

O homem que desrespeita as normas subjetivadas socialmente no espaço do masculino e se apresenta como um desregrado, como aquele que ‘está mijando fora do caco’, é visto com desconfiança por seus pares, principalmente, se não seguir, em tese, os “códigos da honra masculina” e que identificam o gênero. Ser corno na contemporaneidade ainda pode traduzir a violência contra mulher o que já não é compactuado como antes, mas ser corno e aceitar a infidelidade, indicam novas formas de representações, em geral, associadas ao lúdico. É uma astúcia do masculino para manter a terapia da dor.

Os aforismos são uma dessas formas de representação que trata o homem corneado como humor, mas ao mesmo tempo tem a pretensão de rebaixá-lo, de desqualificá-lo, e o humor é usado para sufocar a dor. O corno nos aforismos é associado a objetos, à animais, aos valores sociais, à identidade étnica, mas nunca o corno é associado a perda da virilidade. O homossexual é reconhecido como desvirilizado, o corno ao contrário, continua homem e a desonra pertence a mulher. O reconhecimento de que a mulher o traiu porque ‘ele não deu conta do recado’, é rebaixar a condição de gênero masculino.

QUADRO DOS AFORISMOS SOBRE O HOMEM CORNEADO POR
ORDEM ALFABÉTICA

TIPOLOGIA DOS CORNOS

| | |
|------------|--|
| Ateu | Aquele que leva chifre e não acredita |
| Atrevido | Aquele que se mete na conversa da mulher com o Ricardão |
| Azulejo | Baixinho, quadrado e liso |
| Banana | A mulher vai embora e deixa uma penca de filhos. |
| Brahma | O que pensa que é o número 1 |
| Bravo | Aquele que quando chamado de corno quer brigar |
| Brincalhão | Aquele que leva chifre o ano inteiro e no carnaval sai fantasiado de Ricardão |
| Bateria | O que vive dizendo: vou tomar uma solução |
| Burro | È aquele que segue a mulher o tempo todo e quando flagra a mulher saindo do motel com o Ricardão, exclama: "Eu não entendo!! |

Fonte: <http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp>

No quadro acima temos como amostragem nove tipos de homens corneados, que segundo os aforismos afirmam a desmoralização do ideal masculino. Selecionei alguns deles para analisá-los com o ideal de masculino na modernidade. O ideal de masculinidade na sociedade ocidental, em particular pela sociedade burguesa, era de um cavalheiro em oposição ao cavaleiro medieval e foi fundamental para construção da família nuclear burguesa.

Os aforismos acima são representações dos modelos atípicos que não se enquadraram no modelo ideal de masculinidade construído socialmente, entretanto eles são representações de que é mais sociável tratar da dor da traição com humor do que sangue, experiência trágica que envolveu (e ainda envolve) muitas histórias entre homens e mulheres.

Em geral, os homens que usam aforismos para brincar com aqueles que são ou foram traídos, se reconhecem como imunizados dessa dor. A dor é sempre do Outro, do

estranho, daquele que perdeu as rédeas e o controle sobre o feminino. Ser um **cornu** **ateu**, por exemplo, não está ligado diretamente à ausência de crenças religiosas, mas a ausência da fé de que a mulher lhe traiu. Ele não é só um cornu ateu, ele não presenciou a infidelidade e precisa de provas.

Na economia masculinista um homem não deve viver em uma relação conjugal com dúvidas. A dúvida atormenta-o e o encaminha para o descontrole e a falta de decisão, características do perfil não ideal da masculinidade. Não acreditar na traição corresponde ao medo de tomar decisões. São atitudes que além de denegrir o status da masculinidade, tem o efeito da desmoralização. Homem deve ter coragem e decisão. A ausência desses atributos pode arrastá-lo para a falta de fé na sua masculinidade.

O **cornu atrevido** é aquele que além de não ter dúvida da infidelidade, a aceita e perde a dignidade, pois se envolve na relação da mulher com o Ricardão ou com o urso, descaracterizando a decência masculina. Além disso, é um cornu inconveniente, não respeita a privacidade da mulher. O homem ideal da modernidade deveria ter três 'P'. Poder, potência e posse. O cornu atrevido além de transfigurar o poder e a posse na relação com o feminino indica fragilidade na sua virilidade.

O **cornu azulejo** é um sujeito simbolicamente fora dos padrões estéticos do ideal masculino. A busca do corpo ideal na modernidade está associada à necessidade de exercícios físicos para formação de homens viris, destemidos, robustos. Essa idéia tem seus pressupostos já no século XIX quando a “[...] beleza de um corpo masculino robusto era indicio de valor moral, pois o corpo atlético simbolizava ao mesmo tempo coragem máscula unida aos bons princípios morais” (Oliveira, 2004, p.61). Ser ‘baixinho, quadrado e liso’ não deve constituir um homem ideal para uma mulher e a infidelidade feminina decorre então da falta de cuidados com o corpo pelo masculino, exigência da modernidade para um homem. Além disso, no ideal de masculinidade, o homem deve prosperar para garantir o seu lugar de provedor. Um homem baixo, quadrado e liso não atrai as mulheres.

O **cornu banana** é o homem que assume os filhos quando a mulher o deixa por outro. Na cultura masculinista quem deve assumir o cuidar e as funções da maternidade é a mulher. Ser pai significa ser provedor, amar os filhos e lhes dar educação enquanto seus membros estiverem constituídos na família e sob o seu controle. A infidelidade feminina é a quebra do contrato conjugal tanto pelo código jurídico, como pelas

subjetividades que circulam socialmente, diferentemente da infidelidade masculina que muitas vezes é tolerada e enaltecida socialmente. O ‘corno banana’ é uma representação na atualidade, fora de moda, pois muitos homens já assumem com muita propriedade o lugar de cuidar dos filhos.

O **corno brahma** é um trocadilho com a publicidade da cerveja que leva essa fantasia e que pensa ser a única no mercado que tem a preferência nacional. No ideal de masculinidade há múltiplos homens que embora tenham sido educados para ter solidariedade entre si, se reconhecem e são reconhecidos por muitos como sexualmente instintivos. Uma coisa é a solidariedade masculina baseada na razão como sendo naturalmente de gênero, outra coisa é a pulsão. Ser o número UM significa universalidade, bestialidade.

O ‘**corno bravo** é aquele que quando é chamado de corno quer brigar’. Na contemporaneidade não se ‘lava a honra’ com sangue. A dor da traição, como já foi dito, pode ser lavada com a cerveja, com a caninha, com as terapias, menos com a violência. A violência é um artifício utilizado por alguns homens que fogem completamente do ideal de homem na modernidade. A honra, que supostamente o homem violento quer ‘lavar’, é um valor construído socialmente na cultura. A honra é “[...] um valor que uma pessoa tem aos seus olhos, mas também aos olhos da sociedade” (Rivers, 1965, p. 13)⁸.

Essas tipologias dos Cornos presentes nos aforismos são fontes de pesquisa que permitem pensar as subjetividades nas relações de gênero e intragêneros. A reflexão dessas tipologias ajuda a pensar a cultura e a assimetria entre homens e mulheres e entre homens.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas formas de identificar o homem corneado são construídas por um processo de alteridade e no interior de um sistema de representações. As atribuições dadas ao homem corneado e tratadas na brincadeira, podem ser consideradas como um humor conservador em que o Outro (o corno) está perdendo o controle nas relações de gêneros.

As identidades são produzidas por uma cultura política em que circulam os processos de subjetivação para qualificar um perfil de homem e desqualificar o outro.

Além disso, esse sistema de representações pode fortalecer um ideal de masculino que não corresponde mais as experiências do cotidiano na contemporaneidade. Estamos vivendo um momento histórico em que as relações entre o masculino e o feminino não se resumem em relações de gêneros, mas entre intragêneros.

Os aforismos que parecem ser uma brincadeira podem representar uma arte de dizer sobre os lugares do masculino consagrados socialmente. Também pode funcionar como uma terapia da dor. O homem que afirma (mesmo não sendo verdade) que já teve muitas mulheres, o conduz à glorificação e a reafirmação de seu lugar de masculino viril. O homem que é nomeado como corno ou ele entra no jogo da terapia da dor ou é desmoralizado pelos seus pares.

Enfim, usando as tipologias de corno, pendurar chifres em paredes ou em cima do carro são formas de reconhecimento do Outro ou de si do homem fragmentado. Ao que tudo indica o que existe agora são os conflitos entre o ideal de masculinidade e a masculinidade ideal presente nas dobras do ser e estar homem.

São identidades fragmentárias. Sem começo e sem fim. São homens que sentem dor e que querem chorar, mas são impedidos pela cultura. São homens que lavam a honra com cachaça e música brega. È terapia da dor construindo identidades.

NOTAS

¹ Vieira, Guaipuan. A relação dos cornos brasileiros. Folheto de cordel.

² Souza, Márcio Ferreira de. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s). Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais. Mediações: Revista de Ciências Sociais, Vol. 14, No. 2 (2009).

³ Cf. As obras de Rohden, Fabíola. O corpo fazendo a diferença-Ensaio bibliográfico- MANA 4 (2):127-141, 1998. Rohden, Fabíola. Uma Ciência da Diferença-sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro. Editora FIOCRUZ, 2001.

⁴ A Cornolândia é uma associação de cornos que fica situada no mercado da torre em João Pessoa e que faz parte da minha pesquisa.

⁵ Diversas páginas na internet apresentam os aforismos sobre masculinidade e sobre a corneação, como exemplo, o que está disponível no site <http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp> visitado em 10/09/2010.

⁶ Cf. O folheto de cordel, Vieira, Guaipuan. A relação dos cornos brasileiros (lista oficial do país)

⁷ Cf. a discussão desses conceitos na obra de Pedro Paulo de Oliveira. A Construção Social da Masculinidade.

⁷ Cf o texto de Rivers, Julian Pitt. Honra e posição social. In Valores das sociedades mediterrâneas. (org) Peristiany, J. G. Tradução e prefácio de Jose Cutileiro. Fundação Gulbenkian, Lisboa, 2 edição, 1965.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Escrever como fogo que consome**: reflexões em torno do papel da escrita nos estudos de gênero disponível in <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm> site visitado em 08 de março de 2010.

ARAN, Márcia and Peixoto Junior, Carlos Augusto. **Subversões do desejo**: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. Cad. Pagu [online]. 2007, n.28

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da Honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). – Campinas, SP: Editora da Unicamp/ Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma familiar**. –Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A Construção Social da Masculinidade** - Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

VIEIRA, Elizabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**- Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

RIVERS, Julian Pitt. Honra e posição social. In **Valores das sociedades mediterrâneas**. Tradução e prefácio de Jose Cutileiro. Fundação Gulbenkian, Lisboa, 2 edição, 1965.